

MARINA DOS REIS

Erram formigueiras
pétalas, gramíneas, grão
Indecisas folhas

Venta, venta sempre
uma janela entreaberta
arrepia o corpo

Desejo e suplício
Vibra a asa da cigarra
Corta o céu gemidos

Línguas de verão
em cílios umedecidos
No ar, maripousam

Mamangava rói
Matriz do voo pesado
Manhãs de verão

Sonolento olho
tudo que vi em mim dói
esbarra na luz

Tonta, pés unidos
à caça de borboletas
cinco sete cinco

Aurora remédio
Em noites que o pranto some
Quase a boca de ontem

Dobrada anilina
entre as folhas corriqueiras
a tempestade soprada

sinto a pele velha
a alma já desfocada
rugas!, dir-me-ão

dois homens conversam
abaixados no hidrante
Transtorno vermelho

uniforme Cinza
repousa nos degraus só
limpeza Calada

corrimão-corrente
num abraço amarelo
movimento nulo

A morte gargalha
entre a concha e o tecido
sem pé nem cabeça

Ferida celeste
Novoaço na cicatriz
testa no assoalho

Não é do voo inerte
Mas as asas de Pygargue
que a tempestade arrancou

Milhares de vermes
agonia é estar vivo
olhos no cadáver

Manhãs de terras
fagulham o ar sujeiras
Sopro outonal

Exploram a pele
Patas na morte pousaram
Espanta a mosca

O Eu pensa no Eu, mas a multidão diferencial pensa “que lugar é esse?”

SOBRE A AUTORA

Marina dos Reis é mestra em Educação pela UFRGS.